

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes.  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas.  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE JANEIRO DE 1914

N.º 360

## ASSUMPTOS ARTISTICOS

Exposição de aguarellas

NA

Sociedade Nacional de Bellas Artes



*Cabeça de estudo*  
(Aguarella de Columbano)

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de janeiro de 1914

### POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XLI

#### Partido monarchico

**A** ideia lançada ultimamente a publico da formação d'um partido monarchico, veiu dar uma especial oportunidade á discussão d'este assumpto.

Ha dias, encontrando-nos com o antigo director d'um jornal monarchico que no tempo da monarchia teve grande ponderancia politica, fallámos-lhe no caso.

— Que me diz Você á ideia d'um partido monarchico ?

— Isso é entrevista ?

— E se fór ?

— Se fór só lha concedo com uma condição. Não fallar no meu nome. Hoje nada sou na politica...

— Que desanimo.

— O que não quer dizer que nunca mais volte a ser alguma coisa — concluiu sorrindo.

E depois de acender um cigarro, começou:

— Olhe, o que lhe vou dizer, muito por alto, é a minha opinião pessoal. Se lhe parecer que vale a pena, registre-a, do contrario deite fora os apontamentos.

Escolhemos um café da baixa, pouco movimentado a essa hora, e começámos annotando as impressões que seguem e de que apenas somos uns transmissores perante os leitores d'esta revista.

— Meu caro — disse-nos o nosso entrevistado — eu creio que no estudo das *cousas* está a escolha dos medicamentos que hão de debelar os efeitos que todos hoje sentimos e de que soffremos.

A politica não é um ramalhete de ideias poeticas, nem uma ou diversas normas de conducta previamente traçadas pela razão pura para manequins eguaes, como sonhavam os philosophos de 1700, nem a vida social um contracto livre, segundo a falsissima noção de Rousseau; para os homens que estudam e conscientemente acompanham os progressos da critica da historia, e os progressos da sociologia e da politica nos paizes cultos, essas phantasias passaram e só despertam o sorriso levemente desdenhoso que o observador tem pelas illusões mortas.

Comtudo, como as multidões andam sempre atrasadas alguns seculos, são ainda os principios da *liberdade*, *egualdade* e *fraternidade* o canto de sereia com que a ignorancia romantica e petulante, e a má fé refusada e interesseira arrastam as massas populares.

O homem illustrado e probo, o politico de consciencia só pode rir d'essas chimeras. E' tristemente ridiculo vér no seculo XX agitar-se todo um paiz, fazerem-se revoluções, encherem-se as cadeias de presos e o estrangeiro de emigrados, cobrir uma nação de luto, ruina e dôr, simplesmente porque quatro romanticos pretenderam curar um paiz doente promettendo a saude e todos os prazeres da vida com a implantação da formula de 1794!!

Ridiculo e triste.

Modernamente, depois que se conhece melhor o homem, com os progressos da sciencia economica da historia, pre-historia, e leis que regem as aggremações humanas e de todos os animaes, vivendo e modificando-se em adaptações necessarias atravez dos tempos, a politica transformou-se n'uma sciencia semelhante á medicina moderna.

O politico, como o medico, só teem diante de si casos particulares. A receita não pode ser feita em casa, mas depois de observar o doente.

Ora o caso portuguez não é inicialmente uma crise politica, mas fundamentalmente uma gravissima crise. E' a consequencia da desorganisação da familia e da propriedade de familia, da vida provincial, concelhia e parochial, da divisão forçada e crescente da propriedade, do desenvolvimento urbano, da centralizaçãõ em

todas as suas variadas formas, desde a negadora centralizaçãõ exercida pelas grandes vias de communicação, até á do capital aglomerando industrias e commercio. E' a desorganisação da vida rural pela emigração e pelo serviço militar fora dos concelhos, a falta de fomento agricola em todas as suas precisas formas, é a desorganisação dos principios moraes da ordem pelo desprezo das tradições e da religião, pela diminuição de todos os principios necessarios ao respeito da auctoridade, é o ataque á ordem material pelo ensino desadequado ás necessidades e circunstancias da vida nacional, é absorção do capital disponivel e preciso ao trabalho interno, por emprestimos ao Estado, é a falta de ensino tecnico, a morte das industrias locais e caseiras, a criação, a cultura feita por todas as formas directas e indirectas do alto e baixo proletariado, o fomento do parasitismo, enfim, todo este desvairemento, esta bebedeira cega que tem sido em grande parte a vida das nossas tres ultimas gerações. E tanto, e tanto mais que seria longo dizer agora.

Assim, a crise politica tendo por origem uma tão profunda desorganisação social terá um tratamento e não aquella simplicidade e rapidez de melhoraes que a muitos se afigura.

O nosso entrevistado fez uma pequena pausa e depois continuou:

— Vem de longe a doença; é já cancerosa a chaga sobre a qual nasceu e cresceu esta pujante floresta de cryptogamicos, parasitarios, venenos, a que uns por favor, e outros por ironia cruel, chamam a democracia portugueza.

Como filha da desordem só pode dar destruição; não tem faculdades creadoras, nem de ordem, é, portanto, congenitamente impotente para organizar.

E como poderá viver a desordem, a negação, se a vida é toda ordem, criação, amor e fé ?

D'este modo o problema a resolver está no *para alem*...

E tem sido esta a minha maior preocupação desde 5 de outubro: como organizar a nossa vida futura? Como fazer uma monarchia nova? Será possivel vencer a desordem moral e material, e a pegajosa e suffocante lama das vaidades e dos egoismos interesseiros!?

Ha, porem, noções já adquiridas que se não podem nem devem esquecer e que serão forçosamente, custe o que custar, as balisas que hão de marcar necessariamente a nossa estrada no futuro. São factos conquistados para a experiencia da Nação, que cousa alguma pode apagar ou sophismar.

O primeiro é que a monarchia, tal como funcionou em Portugal, não corresponde ás necessidades do paiz, nem satisfaz as suas legitimas ambições. Não soube crear dedicações, nem mesmo nos mais favorecidos, não foi estimada nem compreendida, e como corpo estranho e mal adaptado, na hora difficil, quando era preciso defendel-a, só teve duas ou tres dedicações, facilmente vencidas pela traição de alguns, e de todo inutilizadas sob o peso esmagador da indifferença do paiz, que aliás era, como n'estes tres annos tem constantemente provado, profundamente monarchico.

Mas, segundo é licito e forçoso concluir, monarchico com outra monarchia, monarchico com uma outra fé monarchica.

Isto é um facto positivo: o paiz é monarchico, mas quer outra monarchia.

A segunda conclusão a que a razão e a experiencia conduz hoje a Nação, é que a republica não trouxe beneficio algum da sociedade portugueza. Veiu continuar-lhe e desenvolver-lhe todos os erros e vicios e acrescel-os de muitos novos e até desconhecidos.

Em face do que se tem visto, a organisação d'uma republica mais ou menos conservadora ou moderada, isto é, d'uma republica o menos possivel republica, — o que é que de positivo vamos fazer? — Uma monarchia? Mas como? Como é que essa monarchia comprehende a sua funcção e julga prehencher os fins para que todas as instituições devem existir, — o bem publico?

Ninguém o sabe, ou pelo menos ninguém até hoje o disse.

E comtudo eu creio que por ahi se devia ter começado.

Não conheço revoluções sem um programma, não comprehendo como possa haver espirito de sacrificio, arrojo, dedicação por uma cousa vaga.

Simplesmente a convicção de que tudo quanto venha será melhor do que o que está é pouco para se ter enthusiasmo e a fé que vae até ao sacrificio pela monarchia. 1834 teve a Carta. Qual é a Carta d'hoje? E' uma carta branca onde tudo cabe, o bem, e o mal.

Pois n'essa carta em branco precisa o Paiz escrever agora o que quer, claramente, como compromisso a que se obrigam os de baixo e os de cima. E se ainda não é tarde já não é comtudo cedo.

Esse trabalho só pode ser feito por um ou mais *partidos* ou *grupos monarchicos*.

A criação d'um partido monarchico *agora*, só tem um grande vício de origem. — é o de se não ter criado logo a seguir á proclamação da republica. Era então o verdadeiro momento de se fazer a selecção das convicções e dos caracteres. E não se diga que o exemplo não foi dado: — *O Correio da Manhã*, o *Liberal*, o *Diario Illustrado*, a *Palavra*, o que foram, senão os arautos, os porta-bandeiras, tocando a reunir, agitando no espaço a bandeira azul e branca no meio d'essa triste e vergonhosa Alcacer-Kibir!

Mas, se não houve então homens, que os haja ao menos agora. Em tres annos já ha tempo de terem sosegado os corações e... mas deixemos o assumpto que é triste.

Eu não comprehendo mesmo como pode haver duvidas, como se hesite na opportunidade e vantagens que possam advir para a causa monarchica da criação d'um partido monarchico.

Já alguma vez se viu que um exercito, querendo vencer, dispersasse os seus soldados? Não é da mais elementar tactica reunir-os, instruil-os, ordenal-os, e, se preciso fôr, distribuil-os até mesmo em corpos diversos, segundo as necessidades e as aptidões?

Já alguma vez se viu construir uma casa burgueza, um palacio, ou mesmo uma choupana, sem previamente se fazer um plano geral em que se determine o que se quer fazer, sem se reunirem os materiaes e compulsar os recursos com as ferias e conjugar uns e outros com os processos a empregar?

Não. Pois bem meu caro amigo, o partido monarchico é preciso agora para lutar moralmente contra a republica e *depois contra todos os vícios e interesses ilegítimos do passado*.

O partido monarchico é para hoje e para amanhã, e mais para amanhã.

O que se tem feito até agora é simplesmente phantastico! E d'ahi, segundo creio, em grande parte os insuccessos.

O trabalho revolucionario é sómente um detalhe na grande luta entre a republica e a monarchia e d'elle se tem feito, quasi exclusivamente, a única arma de ataque, desacompanhada e despojada de tudo o mais, que em muito, senão no todo, podia e devia dar a victoria. E tudo pela falta d'um grande partido monarchico organizado.

Creio ter-lhe dado em resumo, muito em resumo e muito incompletamente, a impressão do que penso sobre a formação do partido. Com mais vagar se quizer entrarei em detalhes.

Vinha já escurecendo. Com um aperto de mão despedimo-nos

do nosso amavel entrevistado, um dos espiritos mais brilhantes e eruditos que nos ultimos tempos do velho regimen teve a imprensa e o partido...

Basta, que já iamós a ser indiscretos.

CRISPIM.

## Os acontecimentos parlamentares da quinzena



O senador João de Freitas



Os acontecimentos parlamentares da quinzena — Aspecto do Senado durante a sessão em que o senador João de Freitas formulou a sua accusação contra o sr. dr. Affonso Costa, actual presidente do gabinete

(Phot. de ...)

# POETAS BRASILEIROS

## GESTOS

A D. ANNA LINS

A's vezes, sem querer, horas tantas, a fio,  
Melancolicamente o meu passado espio  
E me fico a revêr meus gestos de creança,  
A creança que eu fui, um canto de esperança,  
Para os outros que, emfim, debaixo do meu canto  
Não ouviam o rumór do meu longiquo pranto...  
Meu levantar de mãos tangidas para a frente,  
Quando, a primeira vez, meus olhos de repente  
Viram o verde do Oceano, as espumas do Mar!  
Sonhos e ondas casei, sonhando Navegar!...  
E olhos com que olhei, mãos protegendo a vista,  
Para o Ceu, onde o Sol tinha ares de Conquista!  
Os olhos com que olhei a abobada dos ceos,  
Interrogando o azul se existiria Deos!  
E como vi, menino, a terra em derredor  
Meu doido bracejar na alegria maior,  
Olhando essa verdura esplendida das plantas,  
Os passaros, o chão tapetado de quantas  
Flores! agoas de um rio a correr prateado,  
Pedras em que assentei, vultos mansos de gado...  
E o pensamento: «é sob o chão que fica o Inferno»...  
O abraço em que apertei, na hora da despedida  
Primeira, a minha Mãe a chorar commovida...  
E o adeos que me atrevi a dar a ama menina,  
Com um lenço a acenar na volta de uma esquina  
E esse aperto subtil tão brando e delicado  
Em seus dedos, voltando, um anno já passado...  
O primeiro signal, quase immaterial,  
Da minha perdição, do meu futuro mal!  
E' que parte dahi toda a minha loucura  
De andar atrás de um mal, buscando uma ventura...  
Tocou-me a aza da carne e, apenas fui ferido,  
Senti-me um vencedor, quando apenas vencido,  
Inconsciente do mal, sem noção da derrota,  
Me entregava á Mulher que ainda me agarrota...

A' meza do Desejo, eis-me alegre conviva  
Mas de gestos banaes; a alma triste e captiva  
Não brada maia, revolta, ou gritos de valor...  
Bebe o vinho infernal das perfidias do Amor...  
A mulher é que foi o guia criminoso  
Dos meus passos, foi quem, num gesto delicioso,  
Os meus olhos abriu para maldade humana...  
O anjo de alma vulgar é a exquisita cigana  
Que a sina não nos lê, mas traz a nossa sina  
No mysterio do olhar que deslumbra e fascina!  
Não é o Peccado, porque não creio no Pecado,  
Mas o Mal da Vontade, a alma do Insaciado  
Que nos mata a Illusão e nos rouba o sorriso...  
.....  
Eis a lenda de Adão, perdendo o Paraiso...  
.....  
E os gestos de hoje olhando o ceo, olhando o mar,  
Olhando em derredor o doido batalhar  
Dos homens contra a Terra e ella que se transmuda  
E abre-se em Vulcões e é o Polo, a esphyngé muda

Cobrinco com o lençol dos gelos funerarios  
Os que a Patria do Sonho armara Voluntarios!...  
E o Mar, o velho Mar, quando vou visital-o,  
Quando procuro vel-o e ponho-me a escutal-o.  
Sonhos de Navegar! ancias de ter Saudade!...  
Glorias de descobrir! cousas que noutra edade  
Eu tauto imaginei e gozei de querel-as,  
— As minhas Illusões para onde foram ellas?  
E hoje o mar para mim é o symbolo fatal  
Do sonho que morreu ferido deste mal  
De se deixar varrer do mysterio das brumas...  
Antes, no seu furor, suas brancas espumas  
Negras viessem ficar como pannos mortuarios...  
Nem soube proteger um bando de Corsarios  
Que fizessem lembrar ao menos um Perigo...  
.....  
E tão velho que é, nada mais tem de antigo!  
.....  
E a Terra, a nossa Mãe... De olhos envenenados  
De certo é meu olhar agora que em passados  
Dias, elle avistava a belleza pompeando!...  
Hoje não! em redor ha serpentes silvando  
E sapos a scismar nos campos e caminhos,  
Quando raro me vou deixando estes damninhos  
Ares de podridão da poeirenta cidade...  
A labuta, o suor, os ventre e a maldade...  
E arvores no chão e as aves sem arrimo,  
E ruinas ao sol ou nojentas de limo...  
E mesmo quasi já desconheço a alegria  
De um passeio no campo á clara luz do dia...  
A vida me prendeu nos seus braços de lama,  
Se azas tive, as perdi na venenosa chamma...  
As azas da Aventura, a chamma da Luxuria...  
Prende os sentidos meus tambem a doida furia  
Dos homens, e não sou mais que um preocupado  
Com o rugido feroz deste animal damnado  
A Vida Social... o Interesse e a Desgraça,  
A Arte venalisada e esta surda ameaça  
Da «Debacle» infernal do mundo que se eguala...  
.....  
E este mundo ha de ler a altura de uma valla!...  
.....  
Se o Inferno que eu temi hoje não mais me aterra  
E' que o vejo em redor, fervilhando na terra  
.....  
E as estrellas tambem um pouco se afeiamam  
Que os sabios, afinal, zelosos, me ensinaram  
Não são luzes que Deos fez para illuminar  
A existencia... e Deas mesmo, o guia, o protector  
Dos homens seus irmãos, filhos do seu amor  
Este mesmo morreu, mataram-no sem pena  
Os ricos da Razão — a herança de Caim.  
Não creio mais em Deos e se a dôr me envenena  
Os gestos da oração não vivem mais em mim!

## CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XVIII

## AQUEM E ALÉM-MAR

**Ha 30 annos — Os Lusíadas manuscriptos — O Imperador e a Princesa Imperial — Oito annos mais tarde — Recordando...**

**D**ESCREVI no meu ultimo artigo a sociedade que vim encontrar no Rio, em 1884. Mas o que eu não disse, porque o espaço o não comportava, foi o penhorante acolhimento dispensado por brasileiros e portuguezes á empreza patriótica que o meu espirito, arrojado e moço, poucos mezes antes concebêra, planeára e começára a executar em Portugal. Era a Edição Manuscripta dos «Lusiadas». Era o Poema nacional copiado e firmado, estancia a estancia, por todos aquelles que em Portugal e no Brasil, em qualquer dos mais nobres ramos da actividade humana, mais honrassem e melhor servissem as duas patrias. De Pinheiro Chagas, o escriptor polygrapho, eu conseguira o Prologo da Obra Monumental, cuja inicial idéa elle á maravilha traduzia n'estas palavras suggestivas, vibrantes e eloquentes:

«São innumeradas as edições que se têm feito n'estes ultimos tempos, dos «Lusiadas», de Camões, nenhuma decerto, porém, tão original como esta, e nenhuma que tenha ao mesmo tempo tão alta significação. Transmittir ao futuro o poema de Camões, não moldado nos frios caracteres da imprensa, banaes e indifferentes no seu cosmopolitismo, mas reproduzido pela mão tépida e viva de uma geração portugueza e de uma geração brasileira representadas pelos seus homens mais eminentes, é uma idéa verdadeiramente grandiosa, que honra quem a concebeu. Ao acabar de escrever uma estrophe cada um dos homens por qualquer titulo notaveis, chamados a colaborar n'esta homenagem ao poeta, passa a penna ao immediato, como nos acampamentos passam as sentinellas vigilantes a palavra umas ás outras, como, ao entoar-se um canto nacional em marcha, as estrophes aladas vão voando de labio em labio, até que se condensam n'um córo immenso, em que parece palpitar, nos frémittos da melodia, a alma vibrante da patria. Dir-se-ia que uma geração inteira, empenhada na resurreição portugueza, atravessou o mundo e a historia, cantando o poema de Camões, estrophe a estrophe, como os voluntarios de 92 que iam defender a França nas fronteiras passavam cantando a «Marselheza», essa curta epopéa musical, que brotou n'uma hora de enthusiasmo, dos labios de um musico obscuro, de uns labios que emmudeceram depois, e onde vibrou, por instantes, a grande alma nacional. Dir-se-ia que uma geração inteira, ou o seu estado-maior intellectual, veiu, homem a homem, jurar bandeira perante o porvir e fazer energicamente, com a sua penna e a sua assignatura, a affirmação da sua nacionalidade.»

João de Deus, o grande lyrico, o pedagogo immortal, era um desenhador emerito, um artista. De uma fórma original e imprevisita, consegui tambem ligar, atravez de outra arte, os nomes dos dous maiores lyricos da Peninsula, o do seculo XVI e o do seculo XIX. Os dez cantos dos «Lusiadas» seriam todos illustrados por João de Deus.

Metti na mala de viagem os quatro primeiros fasciculos publicados; e o Prologo, de Chagas, algumas duzias de estancias autographadas, sendo firmada a primeira pelo velho Visconde de Juromenha, o camoneanista por excellencia, a illustração do Canto I, «signé» João de Deus, um prospecto artisticamente elaborado, vinte e cinco annos de illusões, um punhado de esperanças, uma illimitada confiança e cento e sessenta cartas de recommendação, constituiram a bagagem, que toda cabia, á vontade, no exiguo beliche do «Niger», das Messageries Françaises, que me trouxe ao Brasil.

Gentilmente recebido pelo Imperador e por toda a Familia Imperial, por quantos então nas letras pontificavam, e pelas personalidades em evidencia da colonia portugueza, que porfiavam em honrar as firmas dos representantes, inicii os meus trabalhos por uma conferencia publica na Imprensa Nacional — então Typo-

graphia Nacional — e ainda hoje me desvanece a honra de ter contado entre os ouvintes o Imperador, o Conde d'Eu, o Ministro Tovar de Lemos, o Consul Wildick, Bocayuva, Machado de Assis, Sylvio Romero e quasi todos os portuguezes que então «marcavam» no commercio e na finança.

Com o titulo *Camões e os Lusíadas* baptisara o assumpto d'essa conferencia fallada, e as palavras e applausos com que o auditorio a acolheu foram um tal incitamento á obra iniciada, que trez mezes depois o exito excedia a expectativa.

A indispensavel romaria a todos os pontos da cidade, munido do respectivo papel autographico e de tinta propria para a cópia das estancias, inicii-a pelo Paço de S. Christovam. D. Pedro II tanto exultou com a idéa, da primeira vez que lh'a expuz, tanto a assimilou e enalteceu, que já me dava a impressão de que ella partira d'elle, e não de mim.

Para regularisação e ordem era eu que escolhia as estrophes, e quando se tratava de grandes vultos, procurava, quanto era possivel, harmonisar com o que elles socialmente representavam o assumpto poetico que tinham de firmar com os seus nomes.

—E' esta a estancia destinada a V. M., disse ao Imperador, apresentando-a.

—Se dá licença, escolho outra, respondeu elle, depois de a lêr.

—V. M. manda, — retorqui, aterrado, porém, com a idéa de ser forçado a inutilisar qualquer outro nome, de significação e valor, que tivesse acaso subscripto a estancia que o Imperador preferia. Como se me adivinhasse o pensamento, D. Pedro acudiu:

—E' esta a que eu deajo escrever, — e logo a recitou com a sua extraordinaria memoria, proverbial nos Braganças.

E' a estancia CXL do Canto X que, firmada por esse nome illustre, se vê ainda hoje, na Edição Autographica, continuada, depois do fasciculo 38 e completada por outra empreza, na celebração do centenário da India, sob a égide da Sociedade de Geographia de Lisboa. Lá figuram tambem as mesmas que, a meu pedido, subscreveram a Imperatriz, a Princesa Imperial e o Conde d'Eu.

Não me atrevi a perguntar ao Soberano do Brasil qual a razão porque entre as estancias do poema elle fóra arrancar esta ao ultimo Canto:

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis  
Parte tambem c'o pau vermelho nota,  
De Santa Cruz o nome lhe poreis  
Descobril-a-ha a primeira vossa frota,  
Ao longo desta costa, que vereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portuguez, porém não na lealdade.

D. PEDRO II.

Quem attentamente a releia facilmente irá buscar ao pensamento recondito do Imperador a razão porque elle quiz authenticar com o seu nome o pensamento para sempre gravado nos dous ultimos versos dessa oitava pelo épico immortal.

E por que estou com as mãos na massa... das recordações, não vem fóra de proposito lembrar outro memoravel incidente ainda sobre o mesmo assumpto.

Oito annos depois fundeava no Tejo o *Alagôas*, tendo a bordo a Familia Imperial banida.

Logo que entrei nesse navio historico para apresentar, numa hora de infortunio, os meus respeitos aos augustos exilados, a primeira pessoa que vi foi o Imperador, que, avistando-me, do meio da escada que vinha descendo, me perguntou com um ar sorridente, em que se adivinhava a victoria da vontade energica, que não queria deixar transparecer a amargura intima:

—O' «seu» Jayme Victor, então ainda faz versos? Ou emmudeceu o rouxinol?

Alludia D. Pedro II aos versos que eu offerecera a Luiz Guimarães, que em S. Christovam elle me mostrára já ter lido, e aos quaes no ultimo folhetim me referi.

Neste principio de exilio, ao dar entrada na hospitaleira patria dos seus maiores, por entre tantas idéas pungentes que deviam absorvel-o, na invocação do meu nome e dos meus versos havia razões de sobra para perpetuarem o meu reconhecimento.

Depois de beijar a mão á Imperatriz, em cuja resignação exemplar não havia uma queixa, mas apenas uma saudade amarga, encontrei no salão a Princesa Imperial que me estendeu a mão

logo que me viu, perguntando-me, depois de trocadas as primeiras palavras:

— Lembra-se dos versos de Camões que eu escrevi e assignei?

Confesso que me não lembrava e que nunca empreguei tantos recursos de diplomacia para não dizer que sim e para não dizer que não. Dizer que me esquecera, era uma descortezia; o contrario, se no decurso do dialogo tivesse de alludir a elles, era uma «gaffe». Porém, com a mesma memoria bragantina, me tirou do embaraço, como oito annos seu augusto pae, a Princeza Imperial, que me repetiu, sem hesitar, a estancia CXX do Canto III:

Estavas, linda Ignez, posta em socego  
De teus annos colhendo doce fruto  
Naquelle engano da alma, lèdo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuto  
Aos montes ensinando e ás hervinhas  
O nome, que no peito escripto tinhas.

ISABEL, CONDESSA D'EU.  
Princeza Imperial do Brasil.

Quando acabou, Isabel a Redemptora, tinha os olhos humedecidos de lagrimas. E, depois de um silencio, que me não atrevi a romper, porque elle era um mundo de recordações, disse-me ainda a filha do ultimo Imperador do Brasil:

— A verdade desses pensamentos sublimes, como eu agora a comprehendo! A dôr que se contém nas palavras do poeta como eu a sinto neste momento!

Acabavam de entrar no «Alagôas», o Rei Dom Carlos e o Infante D. Affonso. E minutos depois, o Rei dava o braço á Imperatriz, o Infante á Princeza, e fechando o primeiro cortejo do exilio, o Conde d'Eu, o Imperador e os netos entravam na «galeota» que os trazia para a cidade, onde ao lado dos seus maiores dorme o somno do repouso aquelle que durante mais de 50 annos presidiu os destinos desta patria e que tem, bem junto ao seu athaude, o daquella santa Imperatriz a quem a morte cerrou os olhos em terra portugueza, e a quem o povo do Brasil deu o merecido cognome de: de mãe dos pobres.

Rio, Novembro 1913.

JAYME VICTOR.

## O sr. Presidente da Republica Brasileira

### O seu casamento

Com grande solemnidade realisou-se, no dia 8 de Dezembro, em Petropolis, o casamento do sr. marechal Hermes da Fonseca com a sr.<sup>a</sup> D. Nair de Tefé von Hoonholtz, filha dos srs. barões de Tefé e irmã do sr. Oscar Tefé, ainda ha pouco ministro do Brasil em Lisboa e actualmente em egual cargo em Berlim.

As duas ceremonias realisaram-se no Palacio Rio Negro em Petropolis.

O acto civil no salão dos Despachos e o religioso no salão de recepção, onde foi armada sumptuosa capella.

O noivo trajando o grande uniforme e as insignias de Chefe

do Estado, dirigiu-se, acompanhado do sub-chefe da sua casa militar e do capitão de corveta Reginaldo Teixeira, á residencia dos srs. barões de Tefé onde o aguardavam a sua noiva e as testemunhas dos noivos, dirigindo-se todos em automoveis ao palacio Rio Negro, onde se effectuaram as ceremonias nupciaes.

Padrinhos da noiva foram seus irmãos os srs. Oscar e Alvaro Tefé e madrinhas M.<sup>mes</sup> Alvaro Tefé e Pinheiro Machado; do noivo foi padrinho o senador Pinheiro Machado, vice-presidente do senado.

Ao acto religioso officiou Sua Eminencia o cardeal D. Joaquim Arco Verde, acolytado pelos monsenhores Macedo Costa e Luiz Gonzaga e o secretario de Sua Eminencia. O sr. cardeal proferiu uma bella allocução.

Terminada a cerimonia os illustres noivos receberam os cumprimentos de toda a assistencia que era numerosa e distincta.

## O casamento do sr. Presidente da Republica Brasileira



Os noivos antes da celebração do casamento



O casamento do sr. Presidente da Republica Brasileira — O acto civil

Nessa occasião o sr. presidente da Republica recebeu um telegramma de felicitação do rei Jorge V de Inglaterra.

Monsenhor Macedo Costa teve tambem uma carta do ex.<sup>mo</sup> Nuncio Apostolico, communicando que S. Santidade, Pio X, abençoava os nubentes.

A's 5 e  $\frac{1}{2}$  foi servido opiparo lunch e pouco depois, ao som do hymno Nacional, executado por varias bandas de musica, os recém-casados deixaram o Palacio Rio Negro e dirigiram-se ao *Viliño Nair* onde passarão a lua de mel.

A noiva na sua linda *toilette* branca, ostentava a insignia de Official da Instrucção Publica, com que o governo francez ha pouco a agraciou pelos seus meritos litterarios e artisticos.

A enorme multidão que estacionava em frente ao Palacio Rio Negro, acclamou os noivos à sua saida. A *corbeille* da noiva é riquissima, vendo-se ali as mais preciosas joias.

Entre muitos outros telegrammas de felicitações, o sr. Marechal Hermes recebeu os que foram enviados pelos srs. drs. Manuel de Arriaga, Affonso Costa e Antonio Macieira.



O casamento do sr. Presidente da Republica Brasileira — Os noivos sahindo do Palacio Rio Negro, depois do casamento

## Os nossos artistas

Christovam Ayres

É um escriptor de muito merecimento e um academico que tem prestado valiosissimos serviços á antiga instituição da Academia das Sciencias de Lisboa de que é erudito bibliothecario. Foi varias vezes deputado ás côrtes, e governador civil de Bragança e Coimbra. A sua obra é vasta. Só a Historia do Exercito Portuguez é composta de treze grossos volumes,

## Os nossos Artistas



Christovam Ayres

escriptos n'um estylo leve e attrahente, que interessa e prende o leitor. E senão veja-se pelo trecho que segue, tirado ao acaso do volume I:

«Na Lusitania o pretor Sergio Sulpicio Galba, tendo exercido n'aquelles povos vingança crudelissima pela derrota que anteriormente soffrêra, finge desejar as pazes que lhe são pedidas, e attrahindo os lusitanos inermes aos seus dominios na Betica, para tratar de um negocio de grande monta e com a promessa de lhes dar terras para cultivo, manda-os chacinar pelos seus soldados, á proporção que vem chegando!

«Não eram decerto estes os processos de radicar no coração dos povos conquistados a verdadeira adhesão e sympathia. Os conselhos de Sempronio Grahcco eram esquecidos. Os sentimentos do odio e da vingança rebentaram e medraram como plantas damninhas, cujas raizes se foram alastrando por toda a parte! E o instrumento poderoso dêsse rancor que rugira latente, até poder desencadear-se em fremente tempestade, era um guerrilheiro audaz, um pastor creado nas agrestes serranias da nossa Beira, um chefe de guerrilheiros dos mais destemidos, um João Brandão d'essa epocha, affeito á pilhagem e á rapina, e, como este, cruel e generoso a um tempo; e esse homem, que por milagre escapára á carnificina ordenada por Galba, parecia ter concentrado no seu coração todo o odio, toda a revolta que caberia no coração dos seus irmãos e companheiros, cobardemente assassinados pelo punhal do traidor! Viriato era mais do que um simples vingador; era o braço forte da patria, que se erguia temeroso, armado do gladio fulminante da mais legitima vindicta e teria sido, como disse Floro, o Romulo da Hespanha se a fortuna o não tivesse trahido. Representava a execução de um pensamento, de uma ne-

cessidade, cuja realização completa teria sido a salvação dos povos peninsulares: — a unidade de acção. De mero chefe de quadrilha, habituado á pilhagem e ao assalto pelas condições da sua existencia social, a necessidade da união para se oppor ao poder do inimigo tornara o um cabo de guerra, um habil general que atrás de si levava, não só os lusitanos, mas os celtiberos e outros povos hespanhoes, ao ponto de ser chamado o defensor de Hespanha contra os romanos, e ser proclamado *rei dos lusitanos*.

«Conseguira rebellar contra o dominio estrangeiro todo o interior e a parte occidental da peninsula. Astuto como a raposa, agil como o gamo, tendo no corpo a força do touro e na alma a envergadura das aguias que corôam com o seu vôo os pincares do Herminio, Viriato reunia em si tão altas qualidades de soldado, e dispunha de homens da sua raça tão convictamente inflamados no fogo sagrado da legitima desforra, que chegou a parecer invencível.

«Dir-se-hia ter herdado de Annibal não só, por ventura, a affinidade de raça, mas o génio do estratagemas, a energia do commando, a habilidade da intriga, o trato affavel, a maleabilidade, a argucia, a insinuação no convívio com os homens; juntando a isso as grandes qualidades de peninsular no horror ao captivo, na fidelidade ao cumprimento da sua palavra, no absoluto desinteresse, que o levava a não partilhar sequer os despojos do inimigo, que de direito attribue aos seus soldados.

«Por morte do seu chefe, Salondico, que floreaava uma lança de prata dizendo ter-lhe sido mandada do ceu — como mais tarde Sertorio fazia crer tambem que mensageira dos deuses era a corcinha branca, sua companheira —, os celtiberos, considerados o nervo da Hespanha, tinham perdido a grande força que os tornara até então temiveis, e eram agora os lusitanos e os numantinos que representavam, valerosamente, o nucleo de resistencia. Viriato era um adversario digno de Roma.»

A Historia da Cavallaria, escripta tambem no mesmo estylo gracioso e captivante, tem quatro volumes. Qualquer d'estas obras é de muito interesse e de grande utilidade para os estudiosos. Correm impressos varios discursos proferidos na Academia, entre os quaes se destacam um optimo estudo ácerca de Cervantes e outro a respeito do fallecido Antonio de Serpa, que quasi toda Lisboa conheceu e apreciou.

Na Escola do Exercito pronunciou varias orações na abertura das aulas e ainda o elogio de Freire de Andrade. Tem dois volumes de contos, *Lantejoulas*, e um estudo sobre *Estradas Romanas*. O seu primeiro volume de versos intitulava-se *Indianas e Portuguesas*; seguiu-se-lhe *Novos Horisontes*, e *Intimos*. Ultimamente appareceu no mercado um bello volume com o titulo *Anoitecer*. E' este o seu livro preferido. Tem no prélo o *Cancioneiro da Noite*. Será tão triste como o *Anoitecer*? O titulo faz-nos senti-lo. Mas eu gosto dos versos tristes. São os que se casam melhor com o meu espirito pouco propenso a alegrias. Assim aprazem-me estes versos:

Sobre o caixão cerrou-se a porta ao tumulo  
Todos choram de dô...  
Lá a deixámos pela vez primeira  
tão só, tão só, tão só!



O auctor do «Anoitecer» e sua filha Nelly



A casa de Pinteus

Eu inda não perdi quem muito amasse.  
Mas, Deus, és justiceiro!  
Se me está reservada essa agonia,  
oh! leva-me primeiro!

E estes sonetos:

Mas que me diz o Ceu?... Que a vida é um sonho!  
alobre de illusões e desenganos!  
rapido instante, ao parecer risonho,  
mas minado de angustias e de enganos!

Que tudo quanto em mente armo e componho  
é miragem dos olhos meus profanos,  
como a luz, que de estrellas ser supponho,  
vem d'astros mortos ha centenas de annos!

Vaidades, ambições, fumos de gloria,  
são tudo fórmãs vãs da mesma essencia,  
fugaz, inconsistente e transitoria!

O que me diz o Ceu?... Que é o Mystério!...  
Que certo só, no termo da existencia,  
quatro palmos de chão, n'um cemiterio!

«— Nem isso mesmo! me responde o Mar!  
Meu seio inquieto é um sepulchro enorme;  
e muita vida aqui tranquilla dorme  
um somno que ninguem póde acordar.»

E o Mar, aquelle monstro rude e informe,  
prompto a tudo ruir, tudo tragar,  
vem em 'strophes dulcissimas compór-me  
a sua historia, longa de contar.

Sobre as ondas, ha luctas, ha destroços,  
naufragios, tempestades e escarceus!...  
O fundo é cripta immensa, cheia d'ossos!

E por sobre esta lucta tão renhida,  
flamulas, galhardetes e tropheus!...  
Rude Mar, és o symbolo da Vida!

N'este livro vê-se que a tristeza d'uma  
longa estadia á beira mar influiu no espirito  
do poeta durante a composição dos seus  
versos. Perguntei-lhe onde gostava mais de

estar, se á beira mar, na sua casa de Pa-  
rede, se em Lisboa ou em Pinteus.

Respondeu-me que preferia Pinteus, essa  
casa que se tornou celebre por ter abrigado  
a mocidade da gentil *Valentina de Lucena*, a  
quem Guerra Junqueiro chamou *o rouxinol  
de Pinteus*. A condessa da Cunha, que  
comprara ao sogro de Christovam Ayres o  
antigo solar, que fóra reconstruido no rei-  
nado de D. José, deixou-lh'o por sua morte.  
Na gravura que acompanha este artigo,  
ainda Christovam Ayres não estava de  
posse do palacio nem o tinha alindado como  
agora está: era ainda uma casa ameaçando  
cahir em ruinas.

Era alli, disse-me o poeta, que elle de-  
sejaria viver. Seu filho, o que lhe morreu  
na força da vida e que elle não esquece,  
tinha por aquelle sitio uma singular predi-  
lecção. E, evocando a imagem querida, para  
sempre desaparecida, a sua voz tinha la-  
grimas que os olhos não mostravam, mas  
que, talvez por isso mesmo, impressionam  
mais fundo os que sentem uma dór viva que  
se não exhibe, mas sangra sempre como se  
o golpe fosse recente. Fallei-lhe nos qua-  
dros que José Campas pintou para a casa  
de Pinteus e a conversa tomou um tom mais

alegre quando recordámos a Trafaria, a figura sympathica de  
Luiz Palmeirim, alcunhado então de *Béranger* português, o Ra-  
malho, a Guiomar Torrezão, emfim todo o grupo que n'aquella  
praia, então quasi inhospita, se costumava juntar na epoca dos  
banhos. Depois fallei-lhe de sua filha Candida, a distincta poe-  
tisa que hoje todos admiram e que eu conheci com 9 annos, nas  
irmãs da caridade Francezas, em S. Luiz, com um aspecto tristo-  
no e as algibeiras do bibe sempre cheias de versos.

Era uma curiosa figura de criança!

E é tão grato recordar o que lá vai, que o tempo passou ra-  
pidamente sem que eu desse por isso.

Retirei-me tarde. Christovam Ayres está doente e triste, mase  
talvez por isso mesmo, estou certa de que o *Cancioneiro da Noit*,  
será o seu melhor trabalho poetico.

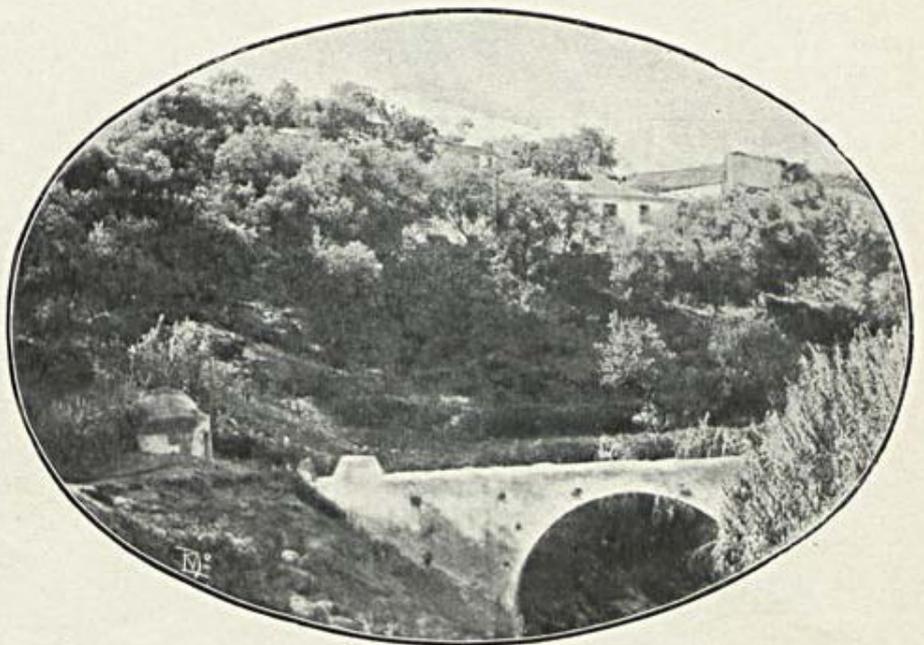
Por elle esperam anciosos todos que prezam bons versos.

MARIA O'NEILL

## PENSAMENTO

A natureza do homem é composta d'infinitas aspirações, que  
a nossa actual condição não pode satisfazer.

H. TAINE.



Um trecho da quinta de Pinteus

## Os cumprimentos do dia de Anno Novo



Recepção no palacio de Belem — Os srs. ministros da Argentina, Estados Unidos, Nicaragua, Uruguay e Hespanha



Os cumprimentos do dia de Anno Novo — Os srs. ministros da Argentina, Brasil e Mexico

## HESITAÇÃO

### Recordações de tempos idos

Um beijinho é gulodice  
Que não enjoa a ninguém.  
Dá-me tu um, linda Alice  
Que um dos teus vale por cem.

Um beijinho... um só... um só  
D'esses lindos labios teus  
E' como nectar em pó,  
Que anjos segreguem dos ceus!

Não me negues, linda Alice,  
Da tua boquinha a flor!  
Se um beijo é gulodice  
Tambem é prova de amor!

Não queres?! — Tanto melhor!  
Ainda bem que não quizeste,  
Matar-me-hia o calor  
Do teu halito celeste!

Não dês... não!... por vida minha,  
Teus olhos me queimariam:  
Teus olhos, tranças, carinha,  
Nem cinzas me deixariam!...

Não dês!... não dês!... que é loucura  
O desejo que me mata!...  
Ante a tua formosura  
Meu juizo disparata.

Mas... se não dás... este mundo  
Para mim fica um deserto;  
Sem luz, sem ar e sem fundo,  
Sempre de gelos coberto!

Dá!... Não dês!... Que hesitação!  
Nem sei bem o que escolher...  
Se um beijo teu, dado ou não,  
Por força me faz morrer!...

Se dás... morro n'um vulcão!...  
Se negas... morro gelado...  
Consultando o coração,  
Prefiro morrer queimado!  
Dá!...

10-10-1903.

O. P.

Mesmo no sol da nossa vida ha sempre uma mancha negra,  
que é a nossa propria sombra.

CARLILE.



Os cumprimentos do dia de Anno Novo — O sr. ministro da Inglaterra e os seus secretarios



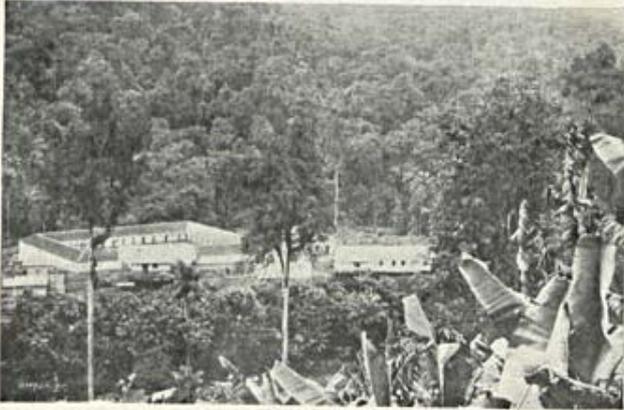
Os cumprimentos do dia de Anno Novo — Os srs. ministros da França e da Belgica (Phot. de ...)

## ASSUMPTOS COLONIAES

### Impressões sobre a cultura do cacau em S. Thomé

A ilha de S. Thomé, descoberta por Fernão Gomes, João Santarem e Pedro d'Escobar, no reinado de D. Affonso V, é como bem se pôde chamar o actual centro nacional agrícola, onde os nossos agricultores teem mostrado as suas aptidões, que infelizmente a apathia e desleixo dos governos sobre

### Assumptos coloniaes



S. Thomé — Um aspecto da roça S. Francisco



S. Thomé — Uma apanha de cacau

tudo que é agricultura, não teem aproveitado no continente, afim de fazerem produzir aquellas dezenas de leguas alemtejanas até agora improductivas.

S. Thomé, apesar de todos os seus revezes, tem sido sempre objecto da maior constancia dos nossos agricultores, se bem que por diversas vezes fossem maltratados pelos negros, como se deu no periodo que vae do anno de 1550 a 1567, em que uma tribu de pretos oriundos d'Angola (angolares), que por motivo de temporal arribaram áquella ilha e ahi se estabeleceram, promoveram graves disturbios, saqueando as herdades e raptando as mulheres.

da ilha abandonada pelo governador, que se havia refugiado na ilha do Principe, e que só a entregaram ao governo portuguez, depois de terem saqueado os cofres do governo e terem obrigado a população a pagar-lhes um imposto em oiro, que elles chamaram imposto de guerra.

Parece que esta formosa ilha estava sentenciada a uma guerra de exterminio, pois que mais tarde, em 1735, uma corporação chamada «policia rural» se revoltou e em 1744 sublevou-se um regimento d'ordenanças, pertencentes á raça negra e de instinctos sanguinarios, causando grande panico na ilha.



S. Thomé — Uma mangueira da roça S. Miguel

## Exposição de aguarellas na Sociedade Nacional de Bellas Artes



Um trecho da Alfama  
(Aguarella de Roque Gameiro)

Suffocadas essas revoltas, começou d'ahi em diante a existir uma relativa tranquilidade. A agricultura foi quem lucrou com isso, pois teve grande incremento, formando-se successivamente, com o decorrer dos tempos, as roças Monte-Café, S. Nicolau, Saudade, Nova-Moka, Monte-Macaco, Santa Margarida, Agua-Izé, Alliança, Bóa Entrada, etc., que foram as primitivas, se bem que rudimentares, escolas d'agricultura colonial.

A agricultura, assim como todas as sciencias e artes, tem sido impelida a desenvolver-se pelo decorrer do tempos e posto que o aperfeiçoamento se tenha feito sentir, perguntamos a nós proprio se não é um crime da parte dos governos e dos senhores roceiros, deixarem em pleno seculo xx, tantos espaços por produzir ou tão mal aproveitados.

Notam se alli erros agricolas imperdoaveis e que dão a conhecer a verdadeira ignorancia de quem dirige certas plantações.

Ha, por exemplo, plantações de cacoeiros feitas em altitudes, que por serem demasiado frias, nunca poderão produzir o sufficiente para cobrir as despezas feitas, e em encostas agrestes, muito batidas pelos ventos, produzindo pouco e irregularmente. Ha tambem os desbastes e pódas feitas á tóa.

O cacoeiro é uma planta d'uma extrema sensibilidade, comquanto se veja com frequencia cacoeiros mutilados, victimas de mãos ignorantes, que julgando tratá-los os inutilizaram, produzir durante algum tempo, embora não o que poderiam produzir se fossem tratados como elles requerem.

Não se deve nunca escolher regiões altas em que a temperatura seja fria, porque embora o solo seja rico, o cacoeiro difficilmente se desenvolve e a fructificação é quasi nulla.

Quasi todas as plantações feitas em grandes altitudes, ou se estiolam ou são rachiticas e é insufficiente a sua producção para cobrir a despeza feita.

Tambem nos terrenos humidos e em extremos ou batidos pelos ventos, é erro plantar-se, devendo no segundo caso fazer-se plantações de banana, que pelo seu rapido desenvolvimento, pela sua folhagem larga e consistente, offerece grande resistencia aos ventos, constituindo assim um abrigo para as plantações.

Pode dizer-se, sem erro, que o principal inimigo dos cacoeiros

é o podador, que de podão ou «machim» em punho se atira freneticamente contra elles na ancia de despedaçar, decependo ramos uteis e indispensaveis á bóa constituição da arvore e deixando outros prejudiciaes que lhe sugam n'um pequeno espaço de tempo todo o vigór, para em seguida os deixarem exhaustos e infructiferos.

Chamam-se geralmente a estes ramos, que rebentam em qualquer parte do cacoeiro, mas com frequencia em volta da coróa, «ladrões» e em verdade o são.

Para se obter uma bóa plantação é necessario que a semente seja lançada á terra em viveiros e quando a planta tenha 6 a 7 mezes se replante para covas cuja fundura minima seja de 2<sup>m</sup>, bem adubadas e situadas nunca a menos de 3 em 3 metros para o desenvolvimento se fazer rapido e hygienico.

E' um erro crasso e fiel traductor de grande ignorancia o mandar fazer covilhamentos á distancia de metro e muitas vezes de menos, como tive occasião de verificar n'algumas roças, mostrando assim á evidencia que quem pratica tamanhas barbaridades conhece mais as regras das plantações de milho que d'uma plantação de cacoeiros.

A altura do cacoeiro não deve exceder 3 a 4 metros para que o seu desenvolvimento seja regular e para que a limpeza, desbaste, póda e colheita, se possa fazer com perfeição e sem prejuizo para a arvore.

Notei que é costume alli os podadores darem a forma de «umbéla» á planta o que prejudica bastante a floração e mais tarde a maturação do fructo, porque difficilmente a luz e os raios solares penetram nas ramarias.

A verdadeira podagem deve ser feita de maneira a deixar a arvore em forma de taça, cortando-lhe todas as sub-ramificações irregulares, pois são prejudiciaes para a planta.

O cacoeiro, quando novo e quando tende curvar-se, deve ser estacado com outros seccos que se tenham rolado, ou com os que se aproveitem no desbaste. E' um erro imperdoavel, tanto olhando ao lado pratico como economico, a applicação d'arames zincados, servindo de esticadores, pois com o engrossamento do tronco penetram-lhes na casca, causando lhes um ferimento prejudicial so-



Exposição de aguarellas na Sociedade Nacional de Bellas Artes  
Chafariç de S. Paulo

(Aguarella do pintor Marques)

(Phot. de ...)

bretudo por formar uma cavidade que atrahê o «salalê» um dos poderosos inimigos do cacoeiro. Tive occasião de verificar a nenhuma efficacia e até o prejuizo resultante de tal experiencia feita pelo administrador da roça Colonia Açoriana.

encanto d'aquelle clima unico, todos os primores indesiveis d'aquelle littoral, e até, oh! cumulo, os olhos e as fórmas irreprehensiveis das suas mulheres adoraveis de graça e gentileza.

D'ahi eu concluí que o Algarve só tinha uma coisa má: os algarvios.

*Na aza do sonho* ha versos verdadeiramente bem feitos, d'uma naturalidade e graça que os impõem á nossa alma. O author varia o metro com facilidade, e deixa voar a phantasia nas regiões do sonho com elevação de pensamento e de conceito, mantendo sempre a fórma impecavel, até nas redondilhas, que são verdadeiras filigranas.

Os nossos cumprimentos ao poeta que conseguiu produzir um bom livro n'uma edição *chic* e luxuosa.

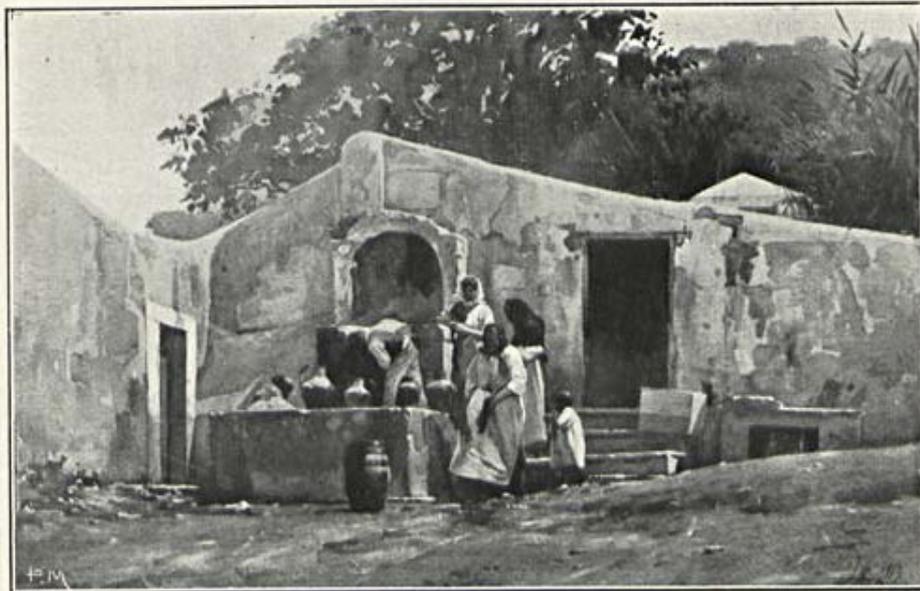
ANICETO.

Empresa Luzitana Editora

Teve esta empresa, cuja séde é na Calçada do Ferregial n.ºs 17 19 e 23 e de que é proprietario o sr. Miranda e Sousa, a amabilidade de nos offerecer alguns exemplares de obras que a mesma empreza tem editado e que são na verdade um primor pela escolha dos assumptos e pelo luxo das edições.

Muitas são as publicações que teem sahido d'esta casa, contendo-se entre ellas as *Aventuras do Capitão Morgan*, *A invasão amarella*, *Proezas de Rafles*, *Aventuras extraordinarias d'um policia secreta*, *Novella historica* (quadros de historia portuguesa), tudo isto dividido em fasciculos baratissimos e constituindo narrativas independentes e interessantes.

D'entre todas as edições d'esta casa justo é, porém, destacar a chamada *Collecção Selecta*, cujo nome está plenamente justificado em vista da escolha dos romances que a constituem, uns firmados



Exposição de aguarellas na Sociedade Nacional de Bellas Artes  
*Chafariç do Senhor Roubado*  
(Aguarella de Alves de Sá)

A verdade é que como systema pratico e economico, é melhor emquanto tenros pôr-lhes temporariamente a estacaria e quando desenvolvidos por-lh'a definitivamente, substituindo a á medida que fôr apodrecendo.

VASCO DA GAMA DE NOVAES.

## Livros

*Na aza do sonho* — João Lucio — Edição de França Amado-Coimbra

UM livro de versos é sempre um ponto de interrogação, e confesso muito sinceramente que prefiro, sem reserva, ler umas taboas de logarithmos ou um livro do sr. Theophilo, um discurso parlamentar de *lácunas* e *cabotinagens* ou uma livrança de pão ou de azeite, do que um livro de versos! E, como a regra, quem me fez alveitar foi o mal dos meus burricos.

Desde que todos se julgam authorizados a fazer versos, e se chamam versos a linhas do mesmo tamanho, sem chegar ao fim do papel, é perfeitamente legitimo o ter medo dos poetas.

*Na aza do sonho* que aceitei ler para ser agradavel a um amigo do auctor, desfaz-se esta má impressão contra os poetas, logo na leitura dos primeiros versos, frescos, expontaneos, perfeitamente rithmados, de rara fluencia e rima opulentissima.

O sr. João Lucio, que não conheço, é um filho do Algarve, d'essa linda provincia, a mais linda que conheço em todo o mundo, onde a flora tropical se casa e confunde com a indigena, onde as mulheres tem olhos de magas e os homens dolencias no cantar que nos arrastam para fóra da Europa pondo-nos no paiz da phantasia. Eu confesso que tenho pelo Algarve uma verdadeira paixão, talvez por não ser algarvio.

Vi passar por Coimbra gerações e gerações de algarvios a cantarem as tricanas, o Mondego, a Lapa dos Esteios e tudo quanto de lindo ha na minha terra, vi-os cantar o Minho e o Bussaco, as penedias de Traz os Montes e a pitoresca Cintra e deixarem no olvido aquelle terreno typico do chão algarvio, d'um vermelho quente, picado aqui e além pelo verde alegre dos figueiraes, pondo-lhe a nota de tristeza o verde escuro das oliveiras e alfarrobeiras e logo casquinando gargalhadas o florido das lindas amendoeiras, esquecendo-se d'aquelle paraizo que se chama Monchique que, como natureza, mette Cintra a um canto, e parecendo ignorar todo o



Exposição de aguarellas na Sociedade Nacional de Bellas Artes  
*Um trecho de Villa Real*  
(Aguarella de Alberto Sousa) (Phot. de ...)

pelos primeiros nomes da litteratura franceza e outros dos melho- res escriptores nacionaes, taes como Garrett, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins, Teixeira de Vasconcellos, etc.

Não só isto, porém, não obstante ser muito, a torna recomen- davel; é tambem o seu preço baratissimo, 300 réis cada volume, o mais barato que tem apparecido no nosso mercado litterario, dada a qualidade dos elegantes livros, que são impressos em ma- gnifico papel, illustrados com uma gravura a côres e luxuosamente

encadernados com uma capa de percalina creme, sendo os titulos em letras douradas.

E' tambem editado pela casa do sr. Miranda e Sousa o magni- fico livro de Malheiro Dias — *Entre precipicios* — e está tambem sendo publicada a collecção das obras de Emilio Zola em peque- nos volumes luxuosamente encadernados.

As nossas felicitações ao incansavel editor.

N. F.

# MUSICA

## Luz de Maria

Musica e letra de Brãameamp de Barahona Fragoso

Piano

1<sup>a</sup> 2<sup>a</sup>

meu a-môr é Ma-ri-a The-re-za tam-bem... O bem... Tem

1<sup>a</sup> 2<sup>a</sup> Côro

el-la a luz dos meus dias A luz d'a-le-gre-asa luz el-le tem... Tem tem... f

meu a-môr é Ma-ria... pp The-re-na tam-bem ell' é... mf Tem

el-la a luz do meu dia... pp Tem a luz da mi-nha fé... rall.

rall.

O meu amor é Maria;  
Thereza tambem,  
Tem elle a luz dos meus dias,  
A luz das alegrias,  
A luz elle tem.

Côro

O meu amor é Maria;  
Thereza tambem elle é  
Tem elle a luz dos meus dias,  
Tem a luz da minha fé.

O sol, a lua, as estrellas,  
Tomem teu olhar,  
E as flores por esses vales,  
Choram seus males  
Por não t'egualar.

Côro

O meu amor é Maria;  
Thereza tambem elle é  
Tem elle a luz dos meus dias,  
Tem a luz da minha fé.

## THEATROS

## Do meu fauteuil

Quem me havia de dizer, velho e doente, completamente afastado de todo o bulício dos theatros e da letra de chumbo, que me haviam de vir arrancar ao remanso do meu estudo, e ás lamentações dos meus achaques de cardiopatha para tomar conta da secção de theatros na formosa publicação que é o *Brasil-Portugal*, onde a penna scintillante do meu velho amigo Jayme Victor pontificou por tanto tempo, tendo sido sempre substituído por escriptores de nome aureolado?!

Quem m'o havia de dizer!! Ninguém por certo, mesmo porque, se alguém aventasse tal, eu me condoeria sinceramente do estado moribundo da sua intellectualidade.

Um dos directores do bello jornal, amigo muito sincero, escreveu-me que me desejava fallar... para interesse d'elle. O mesmo era dizer-me que fosse immediatamente. Outro amigo provado de muitos annos denunciara-me e, eis-me convidado, que o mesmo é dizer, eis-me compelido a acceitar o encargo espinhosissimo que dois amigos me

Pois leiam as *Novidades* no seu periodo brilhantissimo sob a direcção de José Collen e convencer-se-hão.

Aquillo era tão primorosamente escripto que ainda os que não concordavam com a *doutrina* adoravam a *fôrma*.. e liam! Eramos d'esses.

E' claro que sem pretender guindar ás alturas onde o nosso velho e talentoso amigo José Collen levava os primores do seu estylo de escriptor de raça, cá muito terra á terra podemos e devemos manter-nos sempre dentro da maior cortezia sem que abduquemos de fôrma alguma do legitimo direito de apreciação.

Uma só vantagem temos: não conhecemos os artistas nem os dramaturgos, nem os traductores. E assim não poderão dizer que a paixão ou o ciúme, a inveja ou qualquer outro sentimento ruim inspiraram as nossas palavras. Não, nada d'isso.

Tambem nos não movem nem arrastam as opiniões dos outros. Havemos de morrer agarrados ás nossas, como o homem da thesourinha! Todo o respeito pela diferente maneira de pensar dos outros, isso sim, mas sem nunca abdicar da nossa. E isto em arte, como em politica, em litteratura, como em religião. Depois lá diz a sabedoria das nações: todo o conselho ouvirás... mas só o teu seguirás.

Não se admirem pois os nossos escassos leitores se acontecer que todos os jornaes digam que uma peça é obra prima, que a traducção é *cuidadosa* e *esmerada*, coisa que sempre succede, que o artista A

## THEATROS

## THEATRO DA REPUBLICA — «A Caixeirinha»



1.º acto

(Phot. de ...)

impõem, e para o qual aqui solemnemente me confesso incompetentissimo.

Só a amizade os cegou na escolha que de mim fizeram; só na bondade nunca desmentida dos brasileiros, para quem, durante muitos annos, desde o nascimento do *Correio da Europa*, com o pseudonymo de Alberto da Cunha escrevi, só n'essa bondade natural e affectiva dos nossos irmãos do outro hemispherio encontro encorajamento para occupar a secção que foi de Jayme Victor. Este que me perdoe e volva breve ao paiz para retomar o seu logar.

Uma promessa aqui fica expressa aos meus leitores que escassearão de numero para numero: nunca verão nas minhas criticas d'arte um azedume ou malquerença, nunca uma má vontade ou um desprimor, seja para quem fór.

Posso e devo talvez errar. Mas o erro é consequencia d'aquella falta que os meus amigos não quizeram attender.

Detestei sempre a litteratura de arriero e nunca na minha já comprida existencia arregacei as mangas ou tirei o collarinho para escrever. Tenho mesmo ha muitos annos sustentado a doutrina de que, emquanto houver quem saiba manejar a nossa formosissima lingua, se ha de sempre dizer quanto se queira, absolutamente ao abrigo de todas as leis repressivas da imprensa. Duvidam?

ou B vae admiravelmente e C ou D não *desmancharam o conjuncto*, e nós sejamos de parecer contrario. Vão vêr, e, depois julguem quem tem razão e desde já lhes garantimos que hão de concordar connosco e, sobretudo, concordarão na nossa extrema boa fé, na lealdade indiscutivel das nossas intenções.

E isto posto, mãos á obra e os nossos leitores que nos perdoem e absolvam.

Começamos pela celebre Italia Vitaliani, artista de grande nomeada e que este anno voltou a Portugal, representando no antigo Theatro D. Maria II. Abriu assignatura de 6 recitas e teve 6 casas vazias, apesar de anunciar a *Fédora*, *Zúzã*, *Grande Industrial*, *Mãe*, *Dama das Camélias* e *Tosca*.

Depois d'um passeio pelo Alemtejo e Algarve voltou a Lisboa onde, no mesmo theatro annunciou 4 unicas representações e cumpriu a promessa. As 3 primeiras recitas com a *Maria Antonietta* e a ultima para despedida e adeus a Portugal com a peça *Come le foglie* e o 4.º acto do drama *Adrianna Lecouvreur*.

A primeira da *Maria Antonietta*, no domingo, teve uma casa cheia. Repetiu na segunda-feira com casa fraca e na terça-feira repetindo ainda a mesma peça, não tiveram ninguem no theatro. Fazia horror vêr os camarotes todos vazios.

**THEATRO DO GYMNASIO—«Mysterio do quarto amarelo»**


3.º acto

Italia Vitaliani estivera já em Lisboa ha um anno, pouco mais ou menos, no elegante theatro D. Amelia, e não conseguiu chamar publico.

Parecem-nos claras as razões. Vitaliani é casada com Carlo Duse, actor da companhia. E' um homem muito alto, forte, de pouco agradável physionomia e possuidor d'um vozeirão de stentor e de tonalidade aspera e desagradavel. Tem a mania de fazer... galans. Estão a vêr!... Por muito que saiba, por muito talento de que disponha, lucta com a figura, com a voz, e até com o aspecto.

Por exemplo na *Zázá* chega, por vezes, a tocar o ridiculo.

Vitaliani é sympathica, possui um órgão vocal admiravel, arrancando, naturaes, todas as inflexões que pretende. Mas muito adelantada nos annos, de grande desenvolvimento adiposo, não cabe na Margarida Gautier, e dá vontade de rir no papel da ultima comedia.

Na *Maria Antonietta* falta-lhe a gentileza e a formosura que distinguiram a desventurada consorte de Luiz XVI e não tem a altivez que caracterisava a orgulhosa austriaca. Lucta com o confronto de Emilia Adelaide que é esmagador. E todavia Vitaliani é uma grande actriz com raras qualidades para a scena.

Imaginem porém um Stradivarios nas nossas mãos e calculem como fugiam todos arrepiados. Pois Vitaliani se houvesse um mestre que acompanhasse os progressos da arte de representar, baseados no estudo da natureza, seria uma figura primacial em todo o mundo. Assim, morrendo sempre do mesmo modo, e como se morria ha 50 annos, terá o desgosto de vêr as casas vazias.

Agradou muito no Funchal, e agradou no Algarve. Em Lisboa colheu bastos applausos, ovações entusiasticas da meia duzia que ia ao theatro, porque sempre teve casas fracas, excepção da primeira da *Maria Antonietta*.

Na *Mãe* tem um trabalho notavel e phases brilhantes no periodo do estorior. Mas depois, aquelle esticção e aquella rigidez cadaverica... um horror!

Bella na *Zázá* e muito bem na *Tosca* porque não se vê morrer.

E' incontestavelmente uma grande actriz, de notaveis dotes naturaes, mas... como diremos... muito á solta.

Havia na companhia uma figura de incontestavel talento, e comprovado merito: João Berthea, um comico de valor. Diz muito bem, embóra por vezes com precipitação. Maneja o monologo com facilidade e sabe sublinhar sem exageros.

E assim ficam os nossos irmãos das terras de Santa Cruz avisados para uma possível e provavel visita da grande actriz italiana ao seu opulento e encantador paiz.

No **Polytheama** uma peça nova, a *Creoula*, um grande deslumbramento de scenario e guarda-roupa, musica lindissima e de melodia agradável, orchestra bem dirigida, còros maus sem favor, e desempenho muito regular.

Cremlida e Magda agradam deveras e o tenor agarra-se como pôde. Tem dotes e deve fazer carreira se não empavezar antes de tempo.

Vae longa esta chronica e reservamos a nossa critica para, o proximo numero, dizendo então de nossa justiça.

**Colyseu**—Em todos os circos das primeiras cidades do mundo é costume haver um numero de sensação ou, quando muito, um em cada parte em que o espectáculo se divide. Mas o commendador Antonio Santos, nosso velho amigo, não toma nada, n'esse ponto, de seguir o exemplo lá de fóra. Os seus espectaculos são organizados quasi exclusivamente com numeros de primeira ordem, de onde lhe resulta uma concorrencia que contrasta extraordinariamente com a dos theatros. Realmente no *Colyseu* passa-se uma noite agradabilissima, tanto mais que desapareceu a poeira, porque a pista em vez de terra, serradura e raspas de sola, como era costume, é constituída por uma série de capachos de coiro, forrando por completo a pista. Evita a poeira e deixa de incomodar os espectadores das primeiras filas mimoseando-os com carradas de terra para cima, nos trabalhos equestres. E a prova é que o publico d'esta casa, dava para encher todas as outras!

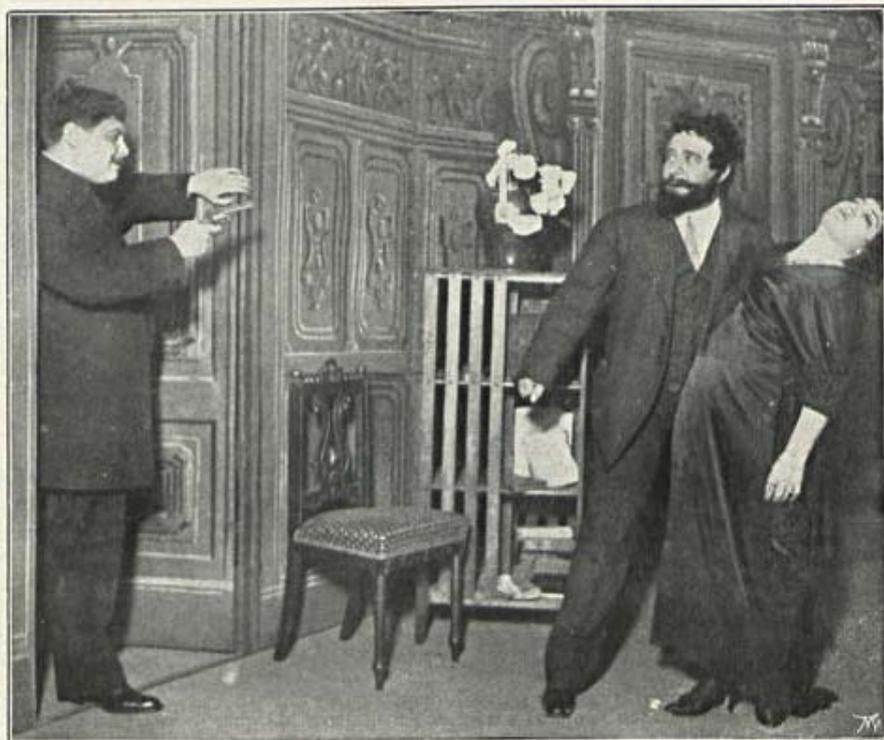
A exhibição mais attrahente é o homem que cresce á vista do publico. Realmente é curioso assistir a este extraordinario phenomeno, verdadeira revolução na physiologia, na myologia e na osteologia! Imagine-se um homem, genero latagão, dar um geitinho ao pescoço e este estender um decimetro! Depois fez o mesmo a uma perna, e depois á outra, e depois a cada um dos braços e tudo aquillo estende á nossa vista, como se fosse massa de pasteleiro! E depois, a um geitinho do artista, tudo volta á primeira fórma!

E o trio brasileiro Elrado-Ott-Trio em que uma linda sinhasinha de olhos carbunculares nos apparece com musculos d'aço capazes de blindarem o melhor e mais formidavel couraçado. E isto sem fallar no vôo dos automoveis que, só por si, dariam uma enchente, e no encanto da filhita do Walter, tudo que se pode imaginar de mais encantador.

E ainda os cães e... mas cala-te boca, que o espaço falta.

No **Salão Central** está-se exhibindo uma *fit* de effeito o *Casamento de Figaro*. Explora tambem o reclame animado com manifesto proveito. Casas sempre cheias.

PEDRO DO CARVALHAL.



«Mysterio do quarto amarelo»—4.º acto

(Phot de ...)